

MULHER MOÇAMBICANA DEVE PARTICIPAR NA LUTA DE CLASSES E NA PRODUÇÃO

-Presidente Samora Machel em mensagem ao País alusiva ao
" 7 de Abril ".

O Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, proferiu ontem, à noite uma mensagem ao País, alusiva ao Dia da Mulher Moçambicana, a qual é do seguinte teor:

Moçambicanas
Moçambicanos

Celebramos hoje o Dia da Mulher Moçambicana na nossa Pátria independente, na Pátria libertada pelos sacrifícios e pelo sangue das mulheres e homens de Moçambique.

Este é um momento de legítimo orgulho para a Nação moçambicana, para a classe trabalhadora e especialmente para a mulher.

Em nome do Comité Central da FRELIMO, em nome do povo e da República Popular de Moçambique, saudamos a mulher moçambicana do Rovuma ao Maputo, que lado a lado com o homem edifica, livre e próspera, a nossa Pátria de operários e camponeses.

Saudamos as combatentes do Destacamento Feminino das forças Populares da Libertação de Moçambique que, forjadas e temperadas na fogueira da Guerra Popular de Libertação, se transformaram na vanguarda organizada do combate da mulher

Saudamos as operárias e camponesas moçambicanas, que, combinando a sua inteligência e mãos, com os homens, seus irmãos de classe, criam os bens materiais, a riqueza da nossa Pátria e edificam a Democracia Popular.

Saudamos as funcionárias, as empregadas, as professoras, as enfermeiras as técnicas, que, nos diferentes campos de trabalho, ao nível do Estado, dos serviços, do aparelho económico e social, activamente contribuem para a prosperidade da Pátria.

Saudamos as alunas e estudantes que combatem na frente da ciência, pela vitória do progresso.

Saudamos todas as mulheres, na sua missão de combatentes, trabalhadoras, mães, esposas, educadoras das novas gerações, criadoras dos Continuadores da Revolução.

Este é o Dia, em que colectivamente, mulheres e homens, todos nos em conjunto, repensamos a batalha em que está empenhado o sector mais explorado e oprimido da nossa sociedade.

No dia de hoje evocamos o sacrifício da mulher, o sangue da mulher, a contribuição imensa da mulher, para que sejamos aquilo que hoje somos.

É um momento em que lembramos com ódio os crimes que o feudalismo, o ca-

pitalismo e o colonialismo, cometeram contra a nossa mulher.

É um dia em que mulheres e homens, devem examinar a fase que atingimos no processo da libertação da mulher. Sabermos que obstáculos se encontram na nossa via; compreendermos e distinguirmos as suas causas, tanto aquelas que resultam da tradição feudal, como aquelas que provêm dos mecanismos próprios à sociedade colonial-capitalista; há ainda os que são fruto de complexos e ideias erradas inculcadas à mulher, assim como os que são uma consequência do egoísmo, da brutalidade, do desprezo, dos complexos inculcados ao homem.

Ao analisarmos os obstáculos principais que se apresentam neste momento, encontramos várias categorias essenciais.

Além da opressão geral a que o feudalismo, o colonialismo e o capitalismo submetem os moçambicanos, a mulher foi e continua a ser, vítima de uma discriminação e opressão particulares. Na sociedade tradicional e mais tarde na sociedade capital-colonialista, a mulher constituía um ser desprezado, sem direito a opinião nem a palavra, explorada sem salário e sujeita a todo o tipo de arbitrariedades ao nível da família.

Esta situação de discriminação e opressão da mulher era conseguida com a ajuda do próprio homem que, embora ele próprio dominado e colonizado, ou por causa disso mesmo, sentia a necessidade de oprimir outras pessoas. O oprimido, quando à sua consciência não está clara, procura sempre oprimir alguém. A contradição principal, irredutível, entre o sistema de exploração e a mulher, dá lugar a uma contradição secundária, resultante entre o homem e a mulher. Devemos situar correctamente este tipo de contradição, a fim de definirmos correctamente a luta, e não confundir os alvos.

Nas suas costas, carregou há séculos a mulher, os rochedos ásperos, duros e esmagadores do colonialismo, do feudalismo, do capitalismo, e do comportamento reaccionário do seu companheiro.

A sociedade de classes recebeu a mulher como produtora de riquezas, e produtora de novos trabalhadores.

As técnicas mais primitivas do feudalismo levaram o sistema a integrar a mulher no ciclo de produção, enquanto trabalhadora gratuita. A via encontrada foi a da poligamia. E esta concepção que está na base de práticas degradantes: o lobolo é essencialmente a aquisição duma trabalhadora que produzirá

trabalheira, por isso mesmo a mulher também pode ser te-
lha e se exige a devo-
ção do leão; ou então,
outra mulher da
sua família venha ter fi-
lhos em seu nome. Por isso
mesmo, em caso de morte do
marido, tal como um meio ou
instrumento de produção, ela
pode ser herdada.

As técnicas superiores do
capitalismo requerem uma
maior qualificação do traba-
lhador, uma enorme concen-
tração de muitos milhares de
trabalhadores, que já não po-
dem ser obtidas simplesmente
através da poligamia.

A via do capitalismo é pois,
de comprar a força de traba-
lho, através do salário irri-
sório que serve para manter
a força de trabalho. Na sua
ganância exploradora, o ca-
pitalismo arranja pretextos
para lhe pagar menos, para
obter-lhe um salário infe-
rior ao dos seus colegas ho-
mens; invoca a qualidade de
mulher para a discriminar,
embora a sua produtividade
seja igual à do homem em
muitas tarefas.

Foi pois para melhor ex-
plorar a força de trabalho da
mulher, que a sociedade feu-
dal-tradicional e capital-colo-
nialista forjaram a concepção
da inferioridade da mulher.
Claro que, para manter essa
concepção foi preciso recorrer
a vários métodos, em parti-
cular, o obscurantismo e a
ignorância.

Assim como o conhecimen-
to e a ciência são instrumen-
tos essenciais de todo o com-
bate de libertação, assim tam-
bém o obscurantismo e a
ignorância, são irmãos gé-
meos da superstição, da re-
signação perante a opressão
e a passividade. Por outro lado
as crenças mais absurdas, em
qualquer sociedade, encon-
tram um terreno fértil na
mulher dominada e igno-
rante.

Através da ignorância e do
obscurantismo, conseguiu-se
obter a passividade e a re-
signação da mulher, assim
como, incutir-lhe numerosos
complexos que convencem a
mulher da sua própria infe-
rioridade.

O conservatorismo da mu-
lher é, pois, o resultado di-
recto da sujeição mental que
lhe impõe a ignorância e o
obscurantismo.

Um aspecto particular das
concepções e valores opressi-
vos em relação à mulher, e
que reforça o seu papel pas-
sivo na vida social, surge com
a sociedade capitalista. "O ca-
pitalismo vê na mulher, além
dum produtor, um consumi-
dor. Iguamente o capitalis-
mo explora o corpo da mu-
lher, como estímulo para o
consumo, para a publicidade.

É neste contexto que se in-
tegra o esforço capitalista de
transformação da mulher num
objecto de adorno, sujeita a
caprichos e variações duma
moda que frequentemente
atinge o ridículo e absurdo.
Este aspecto é agravado pelas
estruturas coloniais do nosso
país, que fazem com que, as
modas vigentes sejam inteira-
mente estrangeiras, profunda-
mente despersonalizadoras.

Concebida como objecto de
adorno pelo capitalismo, a
mulher é ainda tratada como
objecto sexual. A degradação

da mulher pelo capitalismo
atinge a baixeza máxima, com
a utilização comercial do
corpo nu da mulher. Tal mar-
ca de cigarros, ou rádios, tal
marca de fósforos ou discos
de detergentes ou pastas den-
tíficas, procurará estimular
as suas vendas, associando o
produto a visões de mulheres
seminuas ou nuas.

E nesta comercialização da
mulher e do sexo, transfor-
mado em objecto de consumo
duma sociedade decadente,
que devemos ainda situar o
surto de nenúncios no campo
da pornografia, da prostitui-
ção, da libertinagem e dos
desvios sexuais, da droga e
do alcoolismo.

Devemos reconhecer que
este tipo de vida e de valo-
res contaminou ideológica e
moralmente as camadas ur-
banizadas, sobretudo da pe-
quena e média burguesia no
nosso país e que, por isso é
que é necessário desencadear
um combate resolute e im-
pedioso contra tal mentali-
dade.

É frequente assistir-se, so-
bretudo nas zonas urbanas ao

**Combatendo para a libertação do povo, as mulheres libertaram
a sua inteligência e iniciativa. Na libertação começaram a libertar-se.**

Estamos agora numa outra fase do nosso combate: edificamos
actualmente a Democracia Popular, o poder da aliança operário-cam-
ponesa, estamos a construir a base económica, social, cultural, cien-
tífica da nova sociedade. Estamos empenhados na luta contra o sistema
capitalista no plano interno, e contra o sistema imperialista no plano
externo. Somos uma das bases revolucionárias da luta dos povos e
classes oprimidas somos uma base de apoio da luta de libertação na-
cional do povo irmão do Zimbábue.

É neste novo contexto que devemos situar o desenvolvimento do
combate pela emancipação da mulher.

Um novo e poderoso instrumento surge para acelerar o nosso
combate.

Temos a luta de classes. Temos a produção colectiva de bens
materiais. É necessário que a mulher participe activamente nestes dois
campos.

triste espectáculo de mães de família que abandonam o lar para se embriagarem. A subida do poder de compra das classes trabalhadoras, por vezes, só se exprime pelo aumento do consumo de álcool.

→ A embriaguês conduz, com muita facilidade, a costumes indignos e infames. Em consequência de embriaguês, mães de família caem no adultério e até por vezes, em formas encobertas de prostituição.

A prostituição encoberta manifesta-se ainda em locais de trabalho, onde alguns responsáveis conseguem, graças à sua posição de autoridade e aos seus rendimentos recrutar ementas a quem concedem privilégios. As mulheres mais susceptíveis de serem corrompidas, disputam-se entre si os homens que mais valores materiais lhes oferecem.

A luta contra a prostituição profissional ainda não terminou. Numerosas prostitutas apenas transferiram as suas zonas de acção, fugindo das grandes cidades onde a vigilância era maior para pequenos centros, ou abandonando as suas zonas tradicionais de acção, em favor de bairros residenciais, onde continuam a exercer a sua triste e degradante profissão.

Todas as sociedades exploradoras utilizam como elemento essencial da sua estratégia de dominação, a divisão das vítimas.

Na sociedade tradicional-feudal esta divisão opera-se ao nível de grupos étnicos, linguísticos, grupos tribais e regionais, classes de idade ritos de iniciação, etc.

O sistema colonial-capitalista além de utilizar os seus instrumentos habituais de tribalismo, regionalismo e racismo, explora outras tácticas divisionistas. Assim as mulheres embora igualmente dominadas, serão divididas em função da religião, do grau de ensino, da sua capacidade em utilizar a língua portuguesa, da sua integração no seio da civilização decadente estrangeira.

Impõe-se pois reforçar a unidade no seio das mulheres. Impõe-se igualmente reforçar a unidade da mulher e do homem no combate pela emancipação da mulher, parte integrante do combate de toda a sociedade por um mundo justo, um mundo de liberdade.

Moçambicanas Moçambicanas

A enunciação dos obstáculos importantes que se erguem na via da emancipação da mulher, ajuda-nos a compreender a envergadura da batalha presente.

Durante o processo da luta de libertação nacional, a guerra popular agiu como um catalizador poderoso na agudização das contradições entre a mulher e a sociedade de classes, um catalizador poderoso ainda, na tomada de consciência da mulher sobre a sua situação, a necessidade do seu combate e os meios do combate.

As combatentes do Destacamento Feminino que desempenhavam as suas tarefas em diversas regiões do país independentemente do seu lugar de origem, que participavam activamente no estu-

do e resolução dos problemas quotidianos das massas, que se empenhavam no processo colectivo da produção dos bens materiais, que destruíam no combate armado o inimigo físico, que eram continuamente chamadas a discutir e trocar experiências, a sintetizar as experiências, adquiriram rapidamente uma visão correcta da dimensão do país e da luta, uma visão nacional, uma visão de classe.

Combatendo para a libertação do povo, as mulheres libertaram a sua inteligência e iniciativa. Na libertação começaram a libertar-se.

Estamos agora numa outra fase do nosso combate: edificamos actualmente a Democracia Popular, o poder de aliança operário-companesa, estamos a construir a base económica, social, cultural, científica da nova sociedade. Estamos empenhados na luta contra o sistema capitalista no plano interno, e contra o sistema imperialista no plano externo. Somos uma das bases revolucionárias da luta dos povos e classes oprimidas, somos uma base de apoio da luta de libertação nacional do povo irmão do Zimbabwe.

É neste novo contexto que devemos situar o desenvolvimento do combate pela emancipação da mulher.

Um novo e poderoso instrumento surge para acelerar o nosso combate.

Temos a luta de classes. Temos a produção colectiva de bens materiais. É necessário que a mulher participe activamente nestes dois campos.

É preciso que mulheres e homens nas fábricas, nas aldeias comunais, nas cooperativas, nas repartições, nas fir-

mas, nos hospitais, nas escolas, em todos os locais de trabalho, juntos combatam para aumentar a produção, aumentar a produtividade satisfazer de maneira crescente as necessidades do país. Assim, construirão entre si um sentimento de respeito, uma convicção de igualdade, uma prática de libertação, forjada na batalha concreta e colectiva da produção.

Mulheres e homens devem nas estruturas do Partido, nas estruturas das Organizações Democráticas de Massas, empenhar-se no combate para derrubar a velha sociedade e as suas concepções e valores decadentes e corruptos. Neste combate, concretamente constróem com o poder de classe trabalhadora, a verdadeira emancipação da mulher e do homem.

No combate presente, a mulher beneficiará de novos instrumentos criados pelo Partido:

- O Destacamento Feminino
- A Organização da Mulher Moçambicana

Pela integração que procede, de mulheres de todas as regiões, de todas as camadas sociais, de todas as experiências, o Destacamento Feminino é um sector único pelas possibilidades que oferece às jovens moçambicanas de, em comum, trocarem e sintetizarem as suas experiências. Continuando o Destacamento Feminino a ser um dos nossos instrumentos principais na organização e mobilização das massas, ele proporciona

às jovens moçambicanas, ocasiões únicas para adquirir uma visão correcta da dimensão do nosso país, dos seus problemas e combate.

Exotizando as experiências adquiridas no processo da guerra de libertação, importa que liguemos o Destacamento Feminino às tarefas actuais.

Depois de terminado o período de preparação político

e técnicos participando no processo de produção

— engajar a luta de classes do sector, dinamizar a luta de classe.

Igualmente importa que as combatentes do Destacamento Feminino quando afectadas, participem activamente na acção da OMM e dos Grupos Dinamizadores locais. Durante o período de treino e

o País. Porém, as conclusões dessas reuniões não são levadas à prática, como deveriam ser, porque não existe continuidade no trabalho, porque não existem estruturas dinâmicas e operativas capazes de aplicar as decisões e controlar a sua aplicação.

Para resolver este problema a OMM deverá ser dotada de estruturas próprias da base ao topo, que dividam

realizar a II Conferência da Organização da Mulher Moçambicana.

A II Conferência da OMM deverá ter lugar antes do III Congresso. A II Conferência deverá estudar por um lado, os problemas próprios da mulher moçambicana e, em particular, os obstáculos à sua libertação total. Ao mesmo tempo, deve estudar qual a contribuição que deve dar a mulher moçambicana para

A VIII Sessão do Comité Central do FRELIMO ao analisar as carências no funcionamento da OMM e a perspectiva da preparação nacional para o III Congresso da FRELIMO, decidiu que se deveria realizar a II Conferência da Organização da Mulher Moçambicana.

A II Conferência da OMM deverá ter lugar antes do III Congresso. A II Conferência deverá estudar por um lado, os problemas próprios da mulher moçambicana e, em particular, os obstáculos à sua libertação total. Ao mesmo tempo, deve estudar qual a contribuição que deve dar a mulher moçambicana para a reconstrução nacional e a criação da sociedade nova no nosso País, sem a qual não é possível a verdadeira e completa libertação da mulher. Igualmente a II Conferência dever-se-á pronunciar sobre as estruturas da OMM, e preencher essas estruturas com quadros democraticamente designados.

militar. unidades do Destacamento Feminino deverão operar nas fábricas, nas aldeias comunais, nos transportes, nas empresas agrícolas, nos hospitais, nas escolas, nas faculdades, nas povoações, nos bairros comunais com a missão de:

- participar na organização e mobilização das massas
- treinar e enquadrar as milícias populares
- participar activamente no processo da produção do sector a que for afectado
- elevar o nível dos conhecimentos científicos

como parte dele, combatentes do Destacamento Feminino deverão ser integradas em actividades da OMM, sendo para isso afectadas temporariamente em diversos sectores de actividade da OMM, nas diferentes províncias, nos diferentes locais de trabalho e residência.

A OMM por sua vez carece dum dinamização interna para a habilitar ao cumprimento das tarefas actuais.

Assim, por exemplo, verificamos que se tem realizado muitas reuniões em que se tem discutido problemas importantes da mulher em todo

as tarefas, permitam uma colectivização e democratização do trabalho. A OMM deve integrar todas as mulheres, deve sobretudo, organizar a mulher mais desorganizada, mobilizar a mulher que mais afastada se encontra da vida política. Ela prepara as futuras militantes e quadros do Partido, as militantes da reconstrução nacional.

A VIII Sessão do Comité Central da FRELIMO ao analisar as carências no funcionamento da OMM e a perspectiva da preparação nacional para o III Congresso da FRELIMO, decidiu que se deveria

a reconstrução nacional e a criação da sociedade nova no nosso País, sem a qual não é possível a verdadeira e completa libertação da mulher. Igualmente a II Conferência dever-se-á pronunciar sobre as estruturas da OMM, e preencher essas estruturas com quadros democraticamente designados.

Para preparar a II Conferência, e situando-se nas tarefas dessa Conferência, ao nível dos distritos e depois das Províncias dever-se-ão realizar seminários de trabalho da OMM.

Os seminários e reuniões a serem realizados devem estudar as conclusões das reuniões que já tiveram lugar, de modo a beneficiar do trabalho já realizado e garantir a sua continuidade.

**Moçambicanas
Moçambicanos**

O combate da mulher é o combate do povo inteiro e da classe trabalhadora moçambicana por uma sociedade nova, é um combate decisivo em que a libertação da mulher

a todos nos liberta, em que a libertação da mulher cria as condições para a formação política, cultural, mental e física de novas gerações de verdadeiros Continuadores da Revolução.

A liberdade não é uma esmola, a liberdade não é um favor, a liberdade não é uma concessão.

A liberdade é uma conquista, um esforço de construção, a liberdade é sempre o produto dum combate contra a opressão.

Neste 7 de Abril de 1976, neste dia da mulher moçambicana que pela primeira vez celebramos com a Pátria independente, busquemos no exemplo de vida e combate das camaradas que se sacrificaram, uma fonte permanente de estímulo, coragem e inspiração.

Busquemos na memória e na vida de Josina Machel, na memória e na vida de inumeráveis mulheres, que no combate armado, nas prisões, nas missões anónimas da clan-

destinidade, na acção paciente e dura de transporte do material, de produção, em toda a parte, com os sacrifícios e o sangue fizeram de nós o que hoje somos.

Inspirados no seu exemplo apliquemos com entusiasmo a palavra de ordem da VIII Sessão do Comité Central:

Desencadear a ofensiva política e organizacional na frente da produção.

Viva o Dia da Mulher Moçambicana

Viva a FRELIMO

Viva a O.M.M.

A Luta Continua.

(De: "Notícias", Maputo, 1976-04-07)